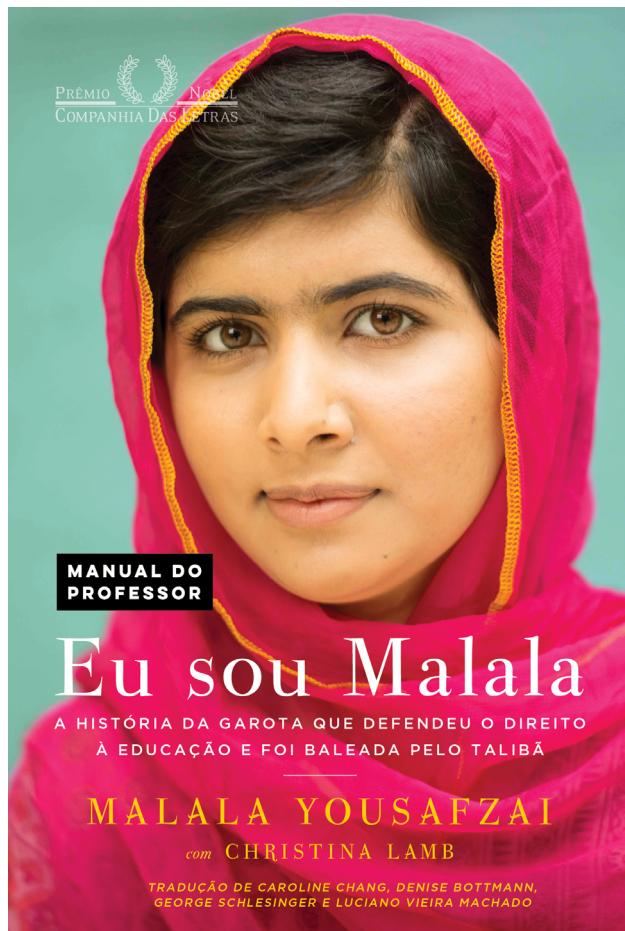


MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA LENICE BUENO DA SILVA, ESPECIALISTA
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO CRISTIANE FERNANDES TAVARES,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA LENICE BUENO DA SILVA, ESPECIALISTA
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO CRISTIANE FERNANDES TAVARES,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO

**EU SOU MALALA:
A HISTÓRIA DA GAROTA QUE
DEFENDEU O DIREITO À EDUCAÇÃO
E FOI BALEADA PELO TALIBÃ**

AUTORAS

**MALALA YOUSAFZAI
COM CHRISTINA LAMB**

TEMAS

**PROJETOS DE VIDA;
PROTAGONISMO JUVENIL;
CIDADANIA**

GÊNERO LITERÁRIO
**DIÁRIO, BIOGRAFIA,
AUTOBIOGRAFIA, RELATOS,
MEMÓRIAS**



Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Revisão

Angela das Neves
Adriana Moreira Pedro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Silva, Lenice Bueno da

Material digital do professor — Eu sou Malala / Lenice
Bueno da Silva ; coordenação de Cristiane Fernandes Tava-
res ; CEDAC — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras,
2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-5921-013-8

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Yousafzai,
Malala. Eu sou Malala. III. Tavares, Cristiane Fernandes. IV.
CEDAC

21-0694

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 7

O livro, 8

O nome Malala, 9

Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, 10

O texto literário na BNCC do Novo Ensino Médio, 10

Estratégias para a compreensão de um texto, 12

Atividades de pré-leitura do livro como um todo, 13

Prólogo, 16

Parte I do livro, 20

Capítulos 9 a 24, 22

Epílogo, 25

Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, 27

Sugestões de trabalho em Língua Inglesa, 27

Outras sugestões, 29

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, 29

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, 35

Eu sou Malala e os gêneros textuais, 35

Sugestão de trabalho de produção de textos, 35

Sugestões de referências complementares, 40

Sobre Malala, 40

Conteúdos para o trabalho com língua inglesa, 40

Sobre o Talibã, 41

Sobre o Onze de Setembro, 42

Narrativas em primeira pessoa, 42

Leituras complementares, 42

Bibliografia comentada, 43

Obras citadas, 45

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos de Malala, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produ-

ção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e os estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

Para você que leciona em uma escola pública, deve ser comum conhecer jovens que decidem trocar os estudos pelo trabalho: ou porque precisam ajudar no orçamento familiar, ou porque acham que o Ensino Médio não lhes interessa, por ser apenas uma passagem para o Ensino Superior, etapa que não terão oportunidade cursar. As estatísticas apontam que em 2018 havia no Brasil 1,2 milhão de jovens de 15 a 17 anos fora da escola e que apenas 32,7% dos que tinham entre 18 a 24 anos estavam nas universidades, públicas ou particulares, segundo a Síntese dos Indicadores Sociais, SIS-IBGE de 2019.

Por trás dos motivos que levam um jovem pobre a abandonar os estudos precocemente pode se ocultar também a dificuldade de se ver como alguém que tem direito a aprender e a conviver num ambiente de aprendizagem. “A educação existe para o outro, não para mim. Meu futuro está determinado pelo lugar de onde venho, e lá as pessoas não estudam”, muitos deles parecem pensar. Imagine, então, como se sente alguém que cresceu em um lugar onde as dificuldades de acesso ao estudo são ainda maiores. Isso é comum em países onde há muita pobreza e miséria, onde o Estado não pode ou não se considera obrigado a investir na educação pública, ou ainda onde a ignorância e o extremismo religioso impedem que as meninas estudem.

As três situações caracterizam o Paquistão, país no qual vivia Malala, cuja história você deve conhecer ou da qual deve ter ouvido falar (e talvez os jovens também), pois nos últimos anos ela tem sido uma presença constante na mídia do mundo todo.

E o livro que você lerá com os estudantes — *Eu sou Malala: A história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*, escrito por **Malala Yousafzai** com a ajuda da jornalista **Christina Lamb**, aparentemente já traz no título um resumo da história. Além disso, há muitas informações sobre Malala na internet. Então, por que um livro sobre o assunto?

Se o objetivo fosse só contar uma história, o livro seria desnecessário. Mas a pergunta é outra, ou melhor, há muitas perguntas a serem respondidas a partir dessa história: apenas conhecer os fatos seria suficiente para

compreender os aspectos envolvidos no que Malala viveu? Seria suficiente para saber quem é essa menina, que enfrentou o extremismo religioso e quase perdeu a vida? Quais são as origens e causas do extremismo e do fanatismo? O que significa, em pleno século XXI, haver crianças e jovens ainda fora da escola?

É sobre Malala, mas também sobre muitos outros assuntos que este livro fala. Por isso, além de sua voz, que narra sua incrível história de vida, muitas outras vozes atravessam o texto, escrito em parceria com Christina Lamb, premiada jornalista correspondente de guerra.

O LIVRO

Eu sou Malala é escrito em primeira pessoa, como normalmente são escritos os diários, livros de memórias ou autobiografias. Entretanto, como não registra os eventos com data e regularidade, não se trata de um diário. E a narrativa também não tem a liberdade ficcional que caracteriza as memórias. A preocupação com a veracidade faz deste livro uma **autobiografia**.

Esse tipo de narrativa é interessante para os jovens, porque lhes dá acesso à “voz” do narrador: no caso, uma adolescente — hoje, uma jovem — que antes de completar quinze anos foi baleada na cabeça por terroristas do grupo Talibã, apenas por defender o direito das meninas de frequentarem a escola. Ler alguém narrando em primeira pessoa eventos tão dramáticos dá ao leitor a chance de compartilhar emoções com a narradora-protagonista.

Sabemos que, tristemente, são muitos os jovens e as crianças que sofrem e morrem sob violência também no Brasil. Tristemente também, para eles — em sua maioria, pobres e negros — é difícil encontrar espaço para manifestar sua voz. Nesse sentido, a leitura de *Eu sou Malala* possibilita um diálogo com realidades de inúmeros países que vivem situações de opressão.

Malala se recuperou do atentado e conquistou espaço na mídia para defender os direitos das crianças, jovens e mulheres, tornando-se uma das ativistas mais jovens e importantes do mundo. Um percurso tão surpreendente quanto o dela pode disparar conversas, reflexões e ações práticas em várias direções. E se a leitura de *Eu sou Malala* incentivasse os estudantes a

criar um canal de expressão de suas próprias angústias e sonhos ou das injustiças que presenciam cotidianamente em suas comunidades? E se o exemplo dessa menina os levasse a valorizar sua própria vida, o direito aos estudos e a uma vida digna? E se o fato de conhecer a realidade de crianças e jovens em outros lugares do mundo os ajudasse a desenvolver sentimentos de empatia e solidariedade? Da suposição de que tudo isso é potencialmente possível a partir da leitura deste livro vem a ideia de vincular *Eu sou Malala* a três temas: **Projeto de vida, Protagonismo juvenil e Cidadania.**

O NOME MALALA

O pai de Malala era professor no Paquistão e dirigia a escola para meninas onde ela estudava. No começo do livro ficamos sabendo que o nome de sua única filha mulher foi escolhido por ele, inspirado numa história pachto (a etnia a que sua família pertence), que conta como uma adolescente heroica chamada Malalai convenceu os soldados a não desistirem da luta contra os ingleses, na Guerra Anglo-Afegã, em 1880.

Talvez inspirada pelo nome, pela educação que recebeu, por seu próprio temperamento — ou por tudo isso —, Malala se transformou em uma menina decidida, que desafiou também o futuro que lhe destinava a cultura de seu povo: ser oferecida como esposa a um homem aos doze anos, cozinhar e lavar para o marido, ter filhos aos catorze e ficar sempre calada.

Sua vontade de ferro não só a ajudou no doloroso processo de recuperação da saúde, como também a transformou na pessoa mais jovem a ganhar o prêmio Nobel da paz e a ser considerada pela revista *Time* uma das cem pessoas mais influentes do mundo.

Sua maturidade precoce lhe permitiu perceber que “Malala” passou a significar, muito mais que seu nome pessoal, uma palavra de ordem para todas as meninas que lutam pelos seus direitos, assim como para todos que defendem o direito universal à educação.

É preciso muita coragem para assumir um papel social tão relevante, especialmente quando se tem menos de quinze anos. Conhecer a mente e os sentimentos dessa figura inspiradora pode ser estimulante para que os estudantes pensem sobre o lugar no mundo que cada um deles quer e merece ocupar.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O TEXTO LITERÁRIO NA BNCC DO NOVO ENSINO MÉDIO

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando. (BRASIL, 2018, p. 499)

Ao considerar o status da literatura nas aulas de Língua Portuguesa do Novo Ensino Médio, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma que o texto literário deve ocupar “*o centro* do trabalho”, que deve ser o “*ponto de partida* para o trabalho com literatura”, e que é preciso “*intensificar seu convívio* com os estudantes” (p. 499, realces nossos).

Levando isso em consideração, quais seriam as maneiras mais indicadas para ler textos literários na escola?

Ao refletir sobre o que a BNCC afirma acerca do trabalho com Língua Portuguesa — que ele deve ser organizado a partir das “práticas sociais que envolvem a linguagem” (p. 498) — pode-se chegar uma conclusão equivocada de que a finalidade do texto literário é proporcionar algo que se convençãou chamar de “leitura por prazer”.

Entretanto, o que significa o prazer de ler? Veja o que pensa a escritora argentina Graciela Montes:

[...] Para adotar a posição de leitor é preciso retirar-se um pouco diante daquilo que nos intriga, nos provoca e nos desconcerta, e a partir daí, desse retiro, recolher indícios e construir sentido, fazer uma conjectura, um sentido mais ou menos habitável, que torne “o que está aí”, sempre enigmático e mudo, mais comprehensível, mais acolhedor, mais tolerável ou mais próprio. Não podemos lidar com o outro ou com nós mesmos sem construir significações. (MONTES, 2020, p. 224)

Ler, para ela, é o mesmo que “construir sentidos”. Por isso, o desejo de ler parte sempre de uma provocação, um desafio, uma dificuldade. E o verdadeiro “prazer de ler” não seria simplesmente mergulhar num livro e “esquecer-se” dentro dele, mas, agora conforme as palavras da pesquisadora Teresa Colomer, “aquele [prazer] obtido ao fim de um esforço para descobrir o sentido em alguma coisa que parecia não tê-lo” (2007, p. 44).

Ao chegarem ao Ensino Médio, quando estão entrando na fase final de sua formação escolar como leitores, é preciso apoiar os estudantes no enfrentamento de textos mais complexos, que se apresentam em seu caminho como desafios. Não basta que leiam simplesmente porque gostam de determinado texto, é necessário que realizem leituras menos ingênuas, que invistam na descoberta dos recursos literários explorados pelo escritor e sejam capazes de uma interlocução crítica com as temáticas abordadas.

Assim, o papel do mediador entre o texto e os leitores continua a ser fundamental, embora se modifique, conforme as demandas impostas pelo tempo. Seu papel agora é apresentar novos desafios e proporcionar o “distanciamento” necessário para olhar para o “enigma” do texto literário, como afirma Graciela Montes.

Por tudo isso, as sugestões que você vai encontrar a seguir reservam um papel de proeminência ao professor e buscam proporcionar dois tipos de aproximação com o texto literário: num primeiro momento, reconhecer e contextualizar o material a ser lido; num segundo, aprofundar suas características e possibilidades de interpretação e apreciação.

São atividades que levam em consideração o que propõe a BNCC, mas também são flexíveis e podem ser adaptadas à realidade de sua escola, caso julgue necessário. Algumas habilidades de Língua Portuguesa, em especial no campo artístico-literário, são especialmente mobilizadas neste manual:

[EM13LP46] Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

[...]

[EM13LP49] Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

[EM13LP50] Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

A partir de *Eu sou Malala*, os estudantes terão oportunidade de saber como vivem e o que pensam jovens de culturas diferentes da sua e também de conversar sobre o assunto; descobrir os recursos explorados numa narrativa em primeira pessoa e, ao mesmo tempo, as limitações decorrentes da escolha de um ponto de vista pessoal; comparar gêneros semelhantes, como diário, memória e autobiografia e criar seus próprios textos autobiográficos.

ESTRATÉGIAS PARA A COMPREENSÃO DE UM TEXTO

A psicóloga espanhola Isabel Solé escreveu um livro que hoje já se tornou um clássico no tema da compreensão leitora: trata-se de *Estratégias de leitura* (1998), que auxilia os professores na formação de leitores autônomos.

Solé nos explica que, diferentemente dos *procedimentos*, ações automatizadas que envolvem decisões simples, as *estratégias* são empregadas em situações mais complexas, nas quais temos de mobilizar outros conhecimentos.

Um componente essencial das estratégias é o fato de que envolvem autodireção — a existência de um objetivo e a consciência de que esse objetivo existe — e autocontrole, isto é, a supervisão e avaliação do próprio comportamento em função dos objetivos que o guiam e da possibilidade de modificá-lo em caso de necessidade. (1998, p. 69)

Como as estratégias nos obrigam a mobilizar nosso autoconhecimento, a tentar recuperar o que e quanto sabemos sobre determinado assunto

para podermos agir de forma planejada e inteligente, elas nos proporcionam uma autonomia cada vez maior na realização dessas ações.

E por que é necessário ensinar estratégias de compreensão leitora? Nas palavras da pesquisadora:

Em síntese, porque queremos formar leitores autônomos, capazes de enfrentar de forma inteligente textos de índole muito diversa, na maioria das vezes diferentes dos utilizados durante a instrução. [...] Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes. (1998, p. 72)

No Novo Ensino Médio, espera-se que os estudantes já tenham autonomia como leitores. Mesmo assim, eles continuam se valendo de estratégias conhecidas e aprendendo novas para obter o melhor na leitura de um texto.

ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA DO LIVRO COMO UM TODO

Segundo Solé, é preciso considerar seis aspectos antes de uma leitura com os estudantes. Eles têm uma relação de continuidade e se constituem em:

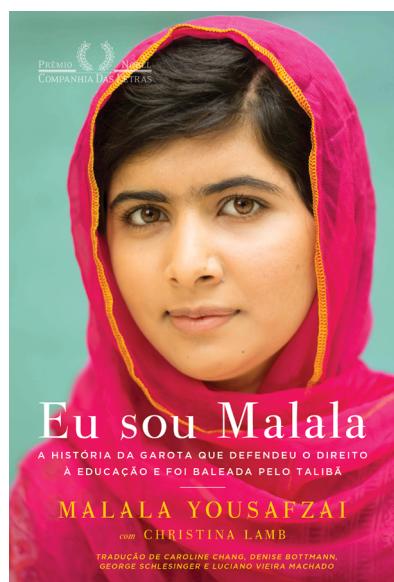
1. Ter claro com que concepção de leitura está trabalhando.
2. Motivar os alunos e solicitar sua participação no processo.
3. Deixar claros os motivos de escolha do livro e os objetivos da leitura que vão realizar.
4. Ativar os conhecimentos prévios sobre o texto que vão ler, ajudando-os a recuperar as informações que já possuem sobre o assunto.
5. Ajudá-los a elaborar hipóteses, fazer previsões sobre o que vão encontrar, tendo em vista índices presentes no texto ou aquilo que já conhecem sobre o assunto.
6. Incentivar os alunos a fazerem perguntas sobre o texto. (SOLÉ, 1998, p. 89-114)

Importante salientar que esses pontos não devem servir como “receita” a ser seguida rigidamente. São pontos de observação que podem auxiliar nas escolhas feitas pelo professor, a depender de cada contexto e de seus objetivos didáticos. Se você já se valeu dos três primeiros indicados por Solé, agora é hora de iniciar a aproximação com o objeto que os jovens vão ler.

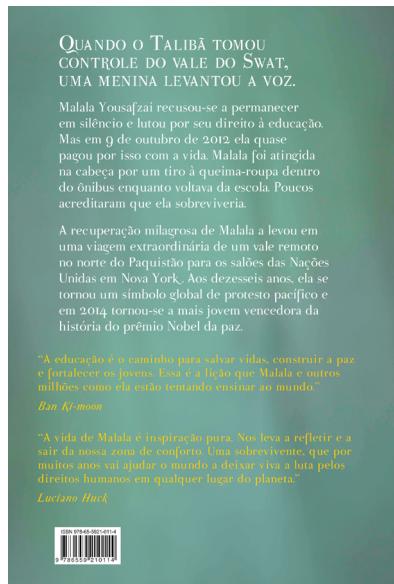
A capa de um livro é sua porta de entrada, e seus componentes mobilizam conhecimentos que cada leitor já tem sobre o autor, o livro e o assunto. Podem também suscitar perguntas cujas respostas o situem perante o texto que vai ler.

Essas atitudes fazem parte do que se costuma chamar de *comportamento leitor* — do qual um leitor experiente se vale para descobrir indícios que o ajudarão a compreender a natureza do texto que tem em mãos.

Os comportamentos do leitor e do escritor são conteúdos — e não tarefas, como se poderia acreditar — porque são aspectos do que se espera que os alunos aprendam, porque se fazem presentes na sala de aula precisamente para que os alunos se apropriem deles e possam pô-los em ação no futuro, como praticantes da leitura e da escrita. (LERNER, 2002, p. 63)



No caso de *Eu sou Malala*, você pode começar pedindo aos jovens que observem a foto da capa, leiam o título, o nome das autoras, o logotipo da editora (no qual parece a menção ao prêmio Nobel). Eles sabem quem é Malala? O que sabem a respeito dela? Deixe-os comentar o que quiserem e até expor informações divergentes, se for o caso. Não dê respostas ainda, não corrija o que disserem. Peça que aguardem a leitura do livro. Chame a atenção para o fato de que há duas autoras: a própria Malala e Christina Lamb. Ajude-os a entender que Christina foi a jornalista que ajudou Malala a transformar suas memórias em palavras — e isso foi feito em inglês, que não é sua língua materna.



Observando a quarta capa, explique que o texto que aparece ali (caso eles ainda não saibam) funciona como mais uma fonte de informação para o leitor. O texto desta quarta capa exige alguns conhecimentos prévios: fala do Talibã, do vale do Swat, do atentado que Malala sofreu, de sua recuperação, da saída do país e do prêmio Nobel da paz que ela recebeu. Você pode estimular os alunos a dizer o que sabem e complementar com as informações necessárias para que acompanhem a leitura. Alguns elementos podem ajudar nesse momento:

- O mapa do Paquistão que aparece nas páginas iniciais do livro, antes do sumário.
- A relação de fatos históricos do Paquistão que estão no fim do livro (p. 349-51).
- Informações sobre esse país e a religião islâmica.

Chame a atenção para os textos impressos em amarelo na metade inferior da quarta capa: são opiniões sobre o livro, assinadas por pessoas conhecidas. Ban Ki-moon, sul-coreano, foi secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2007 a 2017. O brasileiro Luciano Huck, apresentador de TV, com certeza os estudantes já conhecem.

Ao abrir o livro, chame a atenção para o nome dos tradutores: o texto foi escrito em inglês e traduzido para o português.

Destaque também para a dedicatória, buscando levá-los a compreender o sentimento de empatia que ela transmite: “A todas as garotas que enfrentaram a injustiça e foram silenciadas. Juntas seremos ouvidas”. Por que será que Malala escreveu assim? Questione os estudantes e instigue-os a falar o que pensam, com base nessa dedicatória.

PRÓLOGO

LEITURA

Estando os estudantes situados diante de uma primeira contextualização da obra, vamos pensar agora no processo de leitura propriamente dito, começando pelo Prólogo.

A BNCC considera que nesse nível de escolarização os jovens já devem ler sozinhos os textos literários. Mas, além de a leitura compartilhada ou colaborativa contribuir para envolver a turma toda na temática do livro, a ajuda do professor pode ser muito necessária em algumas turmas, para que eles, estimulados por você, realizem as ações mais adequadas à compreensão do texto.

Leitura colaborativa [ou compartilhada] é uma atividade de leitura cuja finalidade é estudar um determinado texto em colaboração com outros leitores e com mediação do professor. O foco do trabalho é o *processo* de leitura — e todos os seus conteúdos específicos —, e não o *produto* desse processo, como acontece em uma atividade de leitura silenciosa com questões para serem respondidas por escrito — que permite apenas a verificação do que o aluno comprehendeu do texto, ao invés de ensiná-lo como se faz para ler. (BRÄKLING, s. d.)

Dessa forma, o Prólogo poderia ser lido de forma compartilhada e em voz alta por você e pelos jovens, intercalando com pausas que permitam checar a compreensão.

Ajude-os a consultar o Glossário (p. 345-8) para descobrir o sentido das palavras escritas em pachto.

Durante a leitura podem ocorrer situações em que um leitor interpreta erroneamente o que diz o texto, ou sente que não está comprehendendo o que lê. Para construir sua autonomia de leitura, os estudantes precisam adquirir a capacidade de perceber quando essas situações ocorrem, além de sentirem-se confortáveis para compartilhar as dúvidas.

Quando você notar que algo assim está acontecendo, é interessante incentivá-los a reler o trecho que não compreenderam ou a pedir ajuda, caso a dificuldade persista.

PÓS-LEITURA

Terminada a leitura do Prólogo, seria importante checar se a compreensão foi acessível. Isso pode ser feito pedindo que algum(ns) estudante(s) comente(m) o conteúdo. Você também pode abrir espaço para uma pequena discussão, favorecendo a troca de opiniões sobre o que foi lido.

Há alguns trechos que talvez precisem de um pouco de conversa para serem compreendidos:

Venho de um país criado à meia-noite. Quando quase morri, era meio-dia.
(p. 11)

É verdade que o Paquistão foi criado à meia-noite. Mas observe com os estudantes as imagens que a narradora cria: num país que se libertou em plena noite, atentados terroristas acontecem à luz do dia, isto é, à vista de todos.

Levei um tiro de um dos homens do Talibã e mergulhei no inconsciente do Paquistão. (p. 11)

Explicar que essa questão será esclarecida no decorrer da narrativa, quando poderão conhecer mais sobre os problemas com a intolerância e o terrorismo no país. Talvez os jovens precisem de alguma ajuda para compreender o sentido de *inconsciente* atribuído a um país. A imagem está associada aos conflitos internos originados pelo fato de a região, quando era colônia da Inglaterra, ter sido dividida de forma artificial, separando em países diferentes ou reunindo num mesmo país etnias diversas, com diferentes línguas, costumes e religiões. É importante falar à turma que o Paquistão é o quinto país mais povoado do mundo. O povo paquistanês está dividido em muitas etnias, com seus respectivos idiomas, e quem consegue frequentar a escola também pode aprender inglês, pois o Paquistão foi colônia da Inglaterra, juntamente com a Índia, até 1947 (na verdade, eram um só país, mas, após a guerra de independência, se separaram).

Além das brigas entre as diferentes etnias — e dentro das próprias etnias, como veremos pelo relato de Malala —, o país fica numa região cujas características políticas históricas, agravadas pela intervenção de países como a Rússia e Estados Unidos, a tornaram extremamente belicosa: faz fronteira com o Afeganistão, o Irã, a Índia e a República Popular da China. Isso explica sua história repleta de lutas internas, golpes militares e governos ditatoriais, como também vamos descobrir no decorrer da narrativa.

Meu país fica séculos atrás deste em que estou agora. (p. 11)

Malala compara a vida que tem, no momento da narrativa, com a vida que tinha no Paquistão. Vale a pena parar nesse trecho para refletir sobre o impacto de mudar de um país tecnologicamente menos avançado para outro, mais desenvolvido e com costumes muito diversos. Você também pode chamar a atenção para os diferentes tempos em que se situa a narrativa: um presente que rememora tempos passados, situados em vários momentos.

Como meu pai, sempre fui de sonhar acordada, e às vezes, durante as aulas, minha mente flanava e eu pensava que no caminho de volta para casa um terrorista podia aparecer e atirar em mim naquela escada. Então me perguntava o que faria. Talvez *tirasse meu sapato e batesse nele*, mas logo depois me dava conta de que, se agisse assim, não haveria diferença entre mim e o terrorista. (p. 15, grifo nosso)

O que pode parecer uma atitude “infantil” de Malala representa algo muito importante na cultura islâmica. Para entrar nas mesquitas todos os muçulmanos tiram os sapatos, por considerar que eles protegem nossos pés — e, consequentemente, nosso corpo — das impurezas da terra. Atirar ou bater com o sapato em alguém é, assim, a pior ofensa que se pode fazer, segundo essa religião. Aproveite para comentar com a turma como cada religião ou cultura tem costumes que, aos olhos das outras, podem parecer incompreensíveis.

Quando nosso ônibus chegou, descemos a escadaria correndo. As outras meninas cobriram a cabeça antes de sair para a rua e subir pela parte traseira do veículo. (p. 16)

Malala manifesta aqui sua rebeldia com relação aos costumes locais, pois dá a entender que não fez o mesmo que as outras meninas. Comente esse aspecto com os estudantes, pois é importante na construção da imagem da protagonista. É interessante também chamar a atenção para:

- O uso da primeira pessoa do discurso, ou seja, a narradora-protagonista, que conversa diretamente com o leitor.
- A narradora fala ao leitor a partir de um tempo presente:

Hoje, quando abro os olhos de manhã, anseio por ver meu velho quarto, com as minhas coisas, as roupas todas no chão e os troféus que ganhei na escola nas prateleiras. Mas agora moro em um país que fica a cinco horas de distância de minha querida terra natal, o Paquistão, e de minha casa, no vale do Swat. (p. 11, realces nossos)

Narrador é uma entidade que o escritor cria para representar sua “voz” ao contar uma história. Ele escolhe um “ponto de vista” — isto é, a perspectiva pela qual vai relatar os eventos — e, em função disso, decide que tipo de narrador vai utilizar. Nas histórias contadas em primeira pessoa, o narrador é protagonista porque relata fatos que ocorreram consigo. Entretanto, ainda assim precisa “olhar-se de fora” e construir uma representação de si mesmo, por isso não se confunde com o autor.

- Embora a narrativa se refira a fatos ocorridos no passado:

Tudo mudou em uma terça-feira, 9 de outubro de 2012. (p. 12)

- A sequência também não é totalmente linear (a narradora “vai e volta” no tempo):

Desde a época do Talibã, a escola não tem mais placa, e o portão ornamental de bronze em um muro branco, do lado oposto ao pátio do artesão, não dá sinais do que existe além dele. [...] A escola foi fundada por meu pai antes de eu nascer, e na parede acima de nós vê-se o nome “Escola Khushal” pintado, orgulhosamente, em letras vermelhas e brancas. (p. 12-3, realces nossos)

- As informações fornecidas são precisas, ou seja, trata-se de uma história baseada em acontecimentos reais.
- O texto nos dá a ideia de uma realidade muito diferente da nossa, no Brasil. Questione os estudantes: que elementos eles identificam como semelhantes ou diferentes?
- O texto também faz uma recapitulação da história de Malala desde que nasceu. Além de contextualizar a narrativa, esse procedimento busca aproximar os leitores daquilo que será narrado. Como os jovens se sentem em relação a isso?

Há outras observações que podem ser feitas: as situações invocadas, tentando mostrar como Malala era uma criança como as outras, que, apesar de tudo, gostava da vida que tinha e que foi roubada pelo terrorismo. Também pode haver espaço para uma conversa inicial sobre a intolerância religiosa e a existência de grupos terroristas no mundo, suas origens e motivações. As dúvidas dos estudantes podem ser anotadas para que busquem respostas durante a leitura ou em pesquisas paralelas.

PARTE I DO LIVRO

PRÉ-LEITURA

O livro *Eu sou Malala* está dividido em cinco partes. O tempo que sua turma vai levar para dar conta da leitura integral da obra vai depender de quão leitores eles já são, ou seja, do grau de autonomia e “fôlego” dos estudantes. Podem-se ler alguns capítulos por semana, alternando-se a leitura compartilhada e coletiva de capítulos pontuais em sala de aula com momentos individuais, em casa. Você vai perceber logo qual é a forma mais adequada para dar tempo a todos de lerem com calma o que for designado, de forma que a proposta seja interessante e produtiva, evitando que se desinteressem ou desistam em função de eventuais dificuldades.

Em casa, cada leitor pode anotar os aspectos importantes ou interessantes nos capítulos designados e trazer para discussão em sala de aula.

Observe com os estudantes que cada parte se abre com um provérbio ou trecho de um poema, escrito em português e em pachto, que já anuncia o

“espírito” do assunto que é ali tratado. Pedir que tentem descobrir os motivos das escolhas. A frase de abertura da “Parte I: Antes do Talibã”, é:

Prefiro receber com honra seu corpo crivado de balas
A ter notícias de sua covardia no campo de batalha. (p. 19)

O que ela antecipa sobre a narrativa?

LEITURA

Por acreditar que a leitura se concretiza no momento de recepção do texto e que faz parte desse momento verificar a compreensão, assim como ampliá-la ou confrontá-la, consideramos que as conversas na sala de aula sobre o que foi lido em casa também são atividades de leitura.

Nos dias e horários combinados, você pode checar o que os jovens compreenderam, por meio dessas conversas. E, ao fim do capítulo 8, aproveite para voltar ao poema que abre a Parte I: eles têm hipóteses sobre os motivos da escolha?

PÓS-LEITURA

Após conversar sobre os capítulos que compõem a Parte I e esclarecer as dúvidas da turma, você e os estudantes provavelmente já terão descoberto quantos aspectos e informações interessantes estão permeados no texto do livro, como explicitaremos a seguir.

A leitura pode ser complementada ou ilustrada por um extenso conteúdo disponível na internet (*ver p. 40-3*). Um alerta: nos vídeos que retratam as ações do Talibã e os atentados em geral há cenas cruéis, situações muito tristes. O ideal seria que você conversasse com a turma ajudasse a escolher os vídeos, considerando a classificação indicativa.

Lembre-se de que a BNCC prevê como habilidade a ser desenvolvida em Língua Portuguesa em todos os campos de atuação social:

(EM13LP09) Fazer curadoria de informação, tendo em vista diferentes propósitos e projetos discursivos.

Como acreditamos que, nesse ponto da leitura, os estudantes já estarão bem situados na temática tratada, indicamos que durante a conversa você os ajude a perceber que aspectos do livro lhes interessam mais. Dessa forma, antes de seguir com a leitura, sugerimos uma conversa organizada como apresentamos a seguir.

CAPÍTULOS 9 A 24

PRÉ-LEITURA

A essa altura, os estudantes provavelmente já terão percebido que a narrativa tem dois temas condutores, dos quais derivam muitos subtemas.

A HISTÓRIA DE MALALA E DE SUA FAMÍLIA

Subtemas	Os costumes do povo pachtum e a situação das mulheres. A coragem de Malala em erguer sua voz pelo direito das mulheres.	A relação de Malala com os pais. O apreço pela escola e pela educação. O ativismo do pai e da filha.	Ser refugiado em seu próprio país — os PDIS. A descoberta de realidades muito diferentes das do Swat.	O atentado: a agonia da espera entre a vida e a morte. A coragem de uma menina de catorze anos para lutar pela vida.	A história de Malala como ativista mundial. Sua ascensão.	O significado que o nome “Malala” passou a ter e como Malala adquiriu essa compreensão.
-----------------	--	---	--	---	---	---

A ASCENSÃO DO TALIBÃ NO PAQUISTÃO

Subtemas	A ausência de atuação do governo militar e o apoio velado aos radicais.	A violência dos talibãs contra o povo e a imposição da lei islâmica. (Estado × Religião)	A sharia e a situação das mulheres. A vida em purdah.	A ignorância como forma de dominação. Os ataques a escolas e a monumentos históricos.	O aliciamento de adolescentes do sexo masculino e a influência das madrasas e o terrorismo.	Um país em guerra interna. Os PDIS e os refugiados.	As leis da blasfêmia e o elogio da violência. As denúncias anônimas.
-----------------	---	--	--	--	---	--	---

São temas e subtemas que estão implícitos na narrativa, e pode ser que vocês encontrem outros. Com certeza haverá preferências individuais, e você

pode aproveitar os interesses de cada estudante para aprofundar as pesquisas, pensando num trabalho final produzido coletivamente.

Esse trabalho pode ser pensado em função da competência a seguir, que, segundo a BNCC, deve ser desenvolvida na área de Linguagens e suas Tecnologias durante o Novo Ensino Médio:

COMPETÊNCIA 4: Utilizar diferentes linguagens — verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital —, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Para tornar mais dinâmica a leitura dos demais capítulos, uma sugestão é planejar com os estudantes a realização de diferentes produções — de cunho artístico, digital, impresso ou oral, se possível em duplas ou pequenos grupos.

A realização dessas produções pressupõe que desde o princípio os jovens estejam cientes do trabalho que vão realizar e de suas finalidades, para que possam desenvolvê-lo da forma mais autônoma possível, sempre tendo o livro como objeto principal, em possível diálogo com outras linguagens.

Dessa maneira, antes de partir para a leitura dos capítulos seguintes, você poderia apresentar a proposta e, numa conversa detalhada, levantar os assuntos e o tipo de trabalho que cada um tem interesse em realizar. A partir daí, a turma seria dividida em grupos, de acordo com seus interesses.

Em função do conteúdo do livro e de suas principais características (autobiografia, escrita em parceria com uma jornalista), sugerimos que priorize produções que explorem esses aspectos. Eles podem escolher se farão produções orais e/ou escritas, em que formato apresentarão e qual será o público.

Os exemplos a seguir são sugestões que podem ser adaptadas para contextos escolares distintos: apresentação ou discussão oral, debate, reportagem, artigo de opinião, produção de um curta-metragem ou minidocumentário (que podem ser gravados de modo caseiro, com uso de aparelhos celulares, por exemplo). São gêneros orais e escritos “de fôlego”, que certamente darão conta de abordar os temas dessa parte do livro com a devida complexidade e o aprofundamento que pedem.

Lembre-se de que você terá de participar ativamente de todas as etapas que envolvem essas produções, acompanhando as escolhas, orientando a busca de novas informações em fontes confiáveis, ajudando os estudantes a retomarem trechos imprescindíveis do livro, por exemplo. Caso tenha pouca experiência com os gêneros sugeridos para produção, talvez seja melhor escolher apenas um deles, com o qual se sinta mais confortável.

LEITURA

O primeiro passo é realizar a leitura e a discussão detalhadas dos capítulos 9 a 24, organizados em blocos. As conversas para validar e ampliar a compreensão podem continuar sendo semanais, e os capítulos designados podem ser lidos em casa.

Não se preocupe com a possibilidade de as turmas estarem focando apenas alguns aspectos da obra, pois todos os temas e subtemas estão conectados. Apenas a ênfase deve recair em conteúdos mais específicos, de acordo com os interesses de cada grupo.

As atividades de leitura desses dezesseis capítulos poderão levar um tempo razoável (cerca de quatro semanas). Você pode determinar um período fixo, a última aula da semana, por exemplo, para o planejamento das produções. Esse tempo poderá ser dividido em duas partes: uma para a resolução de dúvidas sobre os capítulos lidos na semana; outra para as atividades de pós-leitura.

PÓS-LEITURA

Estas atividades podem ser realizadas com os estudantes já organizados em grupos. A ideia é que cada grupo selecione e registre as contribuições que os capítulos lidos trazem para o trabalho que estão desenvolvendo.

Os trechos selecionados seriam indicados sem marcadores definitivos: à medida que o livro vai sendo lido, podem usar por exemplo um *post-it* para marcar as páginas (lembre-se de que no fim do ano todos terão de devolver os livros para a escola). A seleção dos trechos e as informações neles contidas também vão ajudar a dar corpo à ideia que querem trabalhar.

Durante a conversa, é interessante que você circule pelos grupos e forneça apoio com sugestões conceituais e principalmente práticas.

Levando em conta a realidade de sua escola e a familiaridade dos jovens com recursos digitais, você pode criar situações que lhes permitam explorar “as possibilidades expressivas das diversas linguagens”, de acordo com o que diz a BNCC sobre os recursos digitais:

Sua utilização na escola não só possibilita maior apropriação técnica e crítica desses recursos, como também é determinante para uma aprendizagem significativa e autônoma pelos estudantes.

Nessa perspectiva, para além da cultura do impresso (ou da palavra escrita), que deve continuar tendo centralidade na educação escolar, é preciso considerar a cultura digital, os multiletramentos e os novos letramentos, entre outras denominações que procuram designar novas práticas sociais e de linguagem. (BRASIL, 2018, p. 487)

O objetivo é que sejam utilizados os formatos mais adequados ao que está sendo comunicado. Mas é claro que os produtos resultantes só serão viáveis se realizados conforme as possibilidades da escola e dos estudantes.

EPÍLOGO

LEITURA E PÓS-LEITURA

Antes de considerarem concluído o processo de reunir as informações para as produções, seria interessante fazer com os jovens uma leitura cuidadosa do Epílogo.

É preciso lembrar que o livro foi publicado em 2013 — menos de um ano após o atentado que quase matou Malala. Ela havia acabado de se recuperar e de se mudar — ou ser mudada — para a cidade de Birmingham, na Inglaterra, e ainda se sentia no mínimo muito assustada em relação ao que lhe havia acontecido. Esse texto, bem mais pessoal que alguns capítulos do corpo do livro, deixa entrever sentimentos sobre os quais vale a pena refletir juntos. Especialmente nessas palavras finais, consegue-se captar na voz da narradora uma sensação de precariedade, isolamento, não pertencimento, saudades, medo e traumas. Também se percebem evidências de que a protagonista observa os sentimentos dos pais, embora não converse com eles a respeito.

Ao mesmo tempo, o Epílogo também revela alguns novos “feitos” de Malala:

- Em julho de 2013, aos dezesseis anos, falou à Assembleia Geral das Nações Unidas.
- Realizou com a família uma viagem a Meca, algo que todo muçulmano deseja fazer.

Outros acontecimentos importantes não registrados no Epílogo indicam como sua vida seguiu adiante:

- Em 2014, Malala foi a pessoa mais jovem a receber o prêmio Nobel da paz.
- Em 2018, ela e sua família conseguiram retornar ao Paquistão.
- Em 2020, aos 22 anos, concluiu um curso de graduação na Universidade de Oxford, na Inglaterra.

É preciso refletir com os estudantes sobre essa história, que revela a potência de lutar por nossos ideais e contra as adversidades da vida.

Sugerimos que faça também uma leitura compartilhada das informações sobre o Fundo Malala e, se houver possibilidade, que abram e explorem juntos o site.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

Eu sou Malala traz inúmeras possibilidades de trabalho com o texto literário. E pelas próprias características, principalmente temáticas, também pode envolver outros componentes curriculares.

SUGESTÕES DE TRABALHO EM LÍNGUA INGLESA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 4

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

HABILIDADES

[EM13LGG403] Fazer uso do inglês como língua de comunicação global, levando em conta a multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo.

No Novo Ensino Médio, a contextualização das práticas de linguagem nos diversos campos de atuação permite aos estudantes explorar o emprego do inglês na cultura digital, nas culturas juvenis e em estudos e pesquisas, como também ampliar suas perspectivas em relação à sua vida pessoal e profissional.

Trata-se de possibilitar aos estudantes cooperar e compartilhar informações e conhecimentos por meio da língua inglesa, como também agir e posicionar-se criticamente na sociedade, em âmbito local e global (BRASIL, 2018, p. 485)

PRÉ-LEITURA

Na internet há várias matérias sobre Malala, principalmente em inglês. Por exemplo, o blog diário que ela fez aos doze anos para a BBC (em inglês, British Broadcasting Corporation, emissora de rádio e TV pública britânica),

como relatado no capítulo 13, “O diário de Gul Makai”. Quando os alunos estiverem lendo esse capítulo, o professor de Língua Portuguesa poderia acertar uma data com o professor de Língua Inglesa para que ele ou ela realizasse uma atividade com os alunos envolvendo o conteúdo do diário. Os alunos poderiam abrir o blog em casa e tentar ler juntos o texto, com apoio do professor.

Aqui está, por exemplo, uma das últimas entradas do diário:

Wednesday 14 January: I may not go to school again

I was in a bad mood while going to school because winter vacations are starting from tomorrow. The principal announced the vacations but did not mention the date the school was to reopen. This was the first time this has happened.

In the past the reopening date was always announced clearly. The principal did not inform us about the reason behind not announcing the school reopening, but my guess was that the Taliban had announced a ban on girls' education from 15 January.

This time round, the girls were not too excited about vacations because they knew if the Taliban implemented their edict they would not be able to come to school again. Some girls were optimistic that the schools would reopen in February but others said that their parents had decided to shift from Swat and go to other cities for the sake of their education.

Since today was the last day of our school, we decided to play in the playground a bit longer. I am of the view that the school will one day reopen but while leaving I looked at the building as if I would not come here again.
[Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7834402.stm. Acesso em: 18 out. 2020.]

Como se pode perceber, o inglês de Malala, embora muito bom para uma menina de doze anos, tem o vocabulário característico de uma criança.

Numa conversa, o professor poderia começar checando o que os estudantes conseguiram entender no texto, ouvir as dúvidas e conversar sobre elas, buscando relacionar com a leitura da obra.

Nesse momento, trechos do livro que falam do blog podem ser relidos em conjunto, facilitando o entendimento do diário em inglês. Exemplo:

A primeira entrada do meu diário foi publicada em 3 de janeiro de 2009. “Estou com medo” era a manchete. “Tive um sonho terrível a noite passada, cheio de helicópteros militares e de talibãs”, era o começo. “Tenho tido sonhos assim desde o início das operações militares no Swat.” Escrevi que tinha medo de ir à escola devido ao decreto do Talibã. Também escrevi sobre um incidente quando voltava a pé da escola para casa e ouvi um homem atrás de mim dizer: “Vou matar você”. Apressei o passo e depois de certo tempo olhei para trás, para ver se ele estava me seguindo. Para meu profundo alívio, vi que falava ao telefone — decerto estivera conversando com outra pessoa. (p. 181-2)

LEITURA

Esclarecidas as dúvidas, individualmente ou em duplas, os estudantes podem fazer uma tradução do texto, que pode ser compartilhada e discutida com os colegas, a fim de encontrarem em conjunto as melhores soluções.

PÓS-LEITURA

Na sequência, divididos preferencialmente em seis grupos, os jovens poderiam ser convidados a traduzir em casa as demais entradas do *blog* (há mais seis, além da que foi reproduzida aqui). Na aula, essas traduções seriam comentadas e corrigidas, para uso como material auxiliar nas produções que estudantes estão realizando em língua portuguesa.

OUTRAS SUGESTÕES

Também no sentido de contribuir para a realização do trabalho final, o professor de Inglês poderia auxiliar na tradução de outros conteúdos, valendo-se das sugestões apresentadas no fim deste material (p. 40-3).

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Sobre esta área, que engloba os componentes curriculares de Filosofia, Geografia, História e Sociologia, a BNCC identifica competências específicas e habilidades. Entre elas, podem ser trabalhadas com o livro *Eu sou Malala*:

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

HABILIDADES

[EM13CHS603] Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

[EM13CHS604] Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, com vistas à elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando os aspectos positivos e negativos dessa atuação para as populações locais.

[EM13CHS605] Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

Por que a escolha dessa competência e dessas habilidades para organizar as sugestões?

No decorrer da narrativa de Malala, ficamos sabendo que ela defende o direito à educação. Como alguém pode saber que tem esse direito, se não conhece os documentos que o embasam e as instituições que o garantem?

O mesmo vale para os direitos humanos, os direitos das mulheres e outros implícitos nas questões discutidas no livro: além de ser humanamente inaceitável, o fato de o Talibã tentar determinar como as pessoas devem levar suas vidas e, pior ainda, cometer atos de terrorismo em nome da religião também transgride leis, tratados e acordos internacionais.

No livro se percebe como a associação entre Estado e religião pode comprometer as instituições democráticas. Mas de onde vem essa afirmação? Há algum documento no Brasil que defenda o Estado laico e garanta regras e direitos que sejam iguais para todas as religiões?

Além disso, o livro informa que Malala ganhou o prêmio Nobel da paz aos dezesseis anos: como saber o significado dessa conquista, sem conhecer a importância do prêmio? Pode ser um bom exercício pesquisar quem foram os ganhadores mais recentes, por que foram escolhidos, além de investigar se algum brasileiro já recebeu o prêmio ou foi indicado para o Nobel.

Quando o texto relata que Malala falou na Assembleia Geral das Nações Unidas, quem não sabe o que é a ONU ou qual é sua importância para o mundo não saberá o que significa uma menina de dezesseis anos se transformar numa ativista mundial pelos direitos humanos. Dessa forma, um trabalho essencial que pode ser realizado pelos professores da área é dar suporte aos estudantes para que pesquisem informações, documentos e legislações relativos a esses e outros temas. Como isso pode ser feito?

Entre as competências específicas da área de Linguagens e suas Tecnologias, destaca-se a 7, que envolve habilidades relativas ao trabalho individual e colaborativo em diferentes linguagens, como:

[EM13LGG701] Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.

[EM13LGG702] Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.

[EM13LGG703] Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.

[EM13LGG704] Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.

O professor poderia organizar a turma em grupos e orientá-los a fazer pesquisas que resultariam em objetos digitais, como sugerido pela BNCC nos trechos acima. Esses objetos poderiam ou não ser acrescidos às produções fi-

nais que eles estão fazendo a partir da leitura do livro. A seguir são sugeridas algumas fontes de pesquisa.

PRÉ-LEITURA

O professor que desejar levar adiante esse trabalho pode começar apresentando alguns artigos da Constituição brasileira de 1988. A versão atualizada pode ser acessada em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitucionaocompilado.htm (acesso em: 17 out. 2020).

Destacamos os seguintes trechos da Constituição que informam sobre os direitos que ela garante aos brasileiros:

- O “TÍTULO II: Dos direitos e garantias fundamentais”, especialmente o artigo 5º, que relaciona todos os direitos garantidos ao cidadão brasileiro, cujo conteúdo são “cláusulas pétreas” da Constituição (isto é, não podem ser mudadas nem pela aprovação por parte de maioria de 3/5 do Congresso).
- Não há um artigo específico na Constituição que garanta que o Estado deve ser laico, mas os itens VI e VIII reafirmam a liberdade de consciência e de crença como inviolável, e indicam que, em princípio, ninguém poderá ser privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política.
- O “CAPÍTULO III: Da educação, da cultura e do desporto”, cuja Seção I, “Da educação”, garante no artigo 205 que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família. E há o artigo 208, em que se determinam os deveres do Estado para com a Educação.
- O artigo 227 determina os deveres da família, da sociedade e do Estado relativamente aos direitos das crianças, adolescentes ou jovens.

LEITURA

O artigo 227 foi a base para a criação do *Estatuto da criança e do adolescente* (ECA), cujo resumo e histórico podem ser consultados no site do Child Fund Brasil: <https://www.childfundbrasil.org.br/blog/eca-estatuto-da-crianca-e-adolescente> (acesso em: 17 out. 2020).

O texto integral do ECA, com todos os cortes e mudanças realizados, está em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm (acesso em: 17 out. 2020).

De acordo com os objetivos do trabalho, os estudantes poderão ler em sala de aula um ou outro texto, sempre sob orientação da professora ou do professor.

PÓS-LEITURA

Podem ser solicitadas pesquisas no site da ONU: <https://nacoesunidas.org> (acesso em: 17 out. 2020).

Há vários outros temas importantes que podem ser pesquisados pelos grupos, de acordo com o recorte de suas produções finais. Exemplos:

- No botão “Sobre a ONU”, há várias informações sobre a origem da instituição.
- Em “A carta da ONU”, tem-se acesso ao documento de sua fundação, em inglês e português.
- Em “Organismos”, pode-se ler sobre os 26 órgãos ligados à ONU que existem no mundo e conhecer suas funções. É possível saber mais sobre a atuação da ONU no Brasil e ter acesso a links que levam a documentos importantes.
- No botão “Especiais” tem-se acesso a uma página que explica tudo sobre a *Declaração universal dos direitos humanos*.

As pesquisas feitas pelos grupos poderiam resultar, conforme as escolhas dos jovens e os objetivos do professor, em conteúdos de formato digital, como sugeridos pela BNCC.

Atividades como essas também correspondem ao desenvolvimento de habilidades associadas à competência específica 1 da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

OUTRAS SUGESTÕES

Além do que já foi sugerido, o professor pode promover a pesquisa de documentos importantes para a luta por direitos no Brasil. Um deles está no site da ONU no Brasil e trata dos Direitos Humanos das Mulheres (<https://brasil.un.org>, acesso em: 17 out. 2020). Trata-se de um documento que resgata todas as conquistas que as mulheres tiveram no Brasil nos últimos anos.

Sua leitura pode ser dividida em grupos e é uma oportunidade de provocar conversas muito interessantes entre meninas e meninos.

Essas (e outras) questões podem ser trabalhadas em associação com a seguinte competência específica, a ser desenvolvida pela área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, de acordo com a BNCC:

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

E, considerando essa competência, pensar no desenvolvimento das seguintes habilidades:

[EM13CHS502] Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

[EM13CHS503] Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

EU SOU MALALA E OS GÊNEROS TEXTUAIS

Após terminar a leitura — ou durante ela —, vale a pena parar e refletir com os estudantes sobre o gênero a que o livro pertence. Já comentamos que o uso da narradora em primeira pessoa e o foco da narrativa no passado caracterizam basicamente três gêneros: o diário, as memórias e a autobiografia.

Afirmamos também que o livro *não é um diário*, pois a narradora não segue uma sequência temporal linear nem está preocupada em estabelecer o dia exato em que ocorre cada fato narrado.

Mas você ainda pode conversar um pouco mais com os jovens sobre a diferença entre autobiografia e memória. Em ambos os gêneros, a intenção é re-contar elementos do próprio passado, e ambos são escritos, assim, em primeira pessoa. Embora as duas formas tenham semelhanças, elas também têm diferenças importantes no que diz respeito ao gênero textual, como veremos adiante.

SUGESTÃO DE TRABALHO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS

ANTES DA ATIVIDADE

Se você analisar qualquer trecho do livro sobre Malala, vai notar usos bem precisos dos tempos verbais.

- Destaque durante a aula como a narradora utiliza verbos no *pretérito perfeito* quando deseja indicar fatos passados e acabados:

No dia em que *nasci*, as pessoas da nossa aldeia *tiveram* pena de minha mãe, e ninguém *deu* os parabéns a meu pai. *Vim* ao mundo durante a madrugada, quando a última estrela se apaga. (p. 2, realces nossos)

Meu nome *foi* escolhido em homenagem a Malalai de Maiwand, a maior heroína do Afeganistão. (p. 22, realce nosso)

- Mostre também como ela alterna os tempos verbais para o *presente* apenas quando deseja apresentar elementos que não mudaram em relação ao passado:

Nasci menina num lugar onde rifles são disparados em comemoração a um filho, ao passo que as filhas são escondidas atrás de cortinas, sendo seu papel na vida apenas fazer comida e procriar. (p. 21)

Os pachtuns são um povo orgulhoso, composto de muitas tribos, dividido entre o Paquistão e o Afeganistão. (p. 22)

- O *pretérito imperfeito* é usado para apresentar situações que se repetiam no passado:

Quando eu *era* bebê, meu pai *cantava* uma música escrita pelo famoso poeta Rahmat Shah Sayel, de Peshawar. [...] Meu pai *contava* a história de Malalai a toda pessoa que viesse à nossa casa. Eu a *adorava*, assim como *amava* ouvir as músicas que ele *cantava* para mim e a maneira como meu nome *flutuava* ao vento quando alguém o *chamava*. (p. 23, realces nossos)

O uso correto dos tempos verbais é fundamental para qualquer narrativa, de acordo com seus objetivos. Em *Eu sou Malala*, existe a preocupação em transmitir *informações exatas* ao leitor. É essa preocupação que distingue a memória da autobiografia.

Philippe Lejeune, um pesquisador francês que se dedica ao estudo do gênero, afirma em um artigo do livro *O pacto autobiográfico* que o grande diferencial desse tipo de texto é o “contrato” que o autor estabelece com o leitor desde o princípio, de que o que está narrando é “verdade”. Eis um trecho que define bem o que é autobiografia:

[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade. (LEJEUNE, 2014, p. 16)

A principal diferença entre memória e autobiografia é, então, que a primeira tem características mais ficcionais, e, por isso, o narrador *não se sente obrigado* a contar tudo exatamente em detalhes e na ordem em que as coisas aconteceram.

A memória também pode ter um caráter mais *introspectivo*. Como exemplo, observe o trecho abaixo, extraído do livro *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, da escritora norte-americana Maya Angelou:

A cada ano, eu observava o campo em frente ao Mercado ficar verde-lagarta e depois gradualmente branco-geada. Sabia exatamente quanto tempo demoraria para as carroças grandes pararem no pátio da frente e serem carregadas de catadores de algodão ao amanhecer para transportá-los para os restos das fazendas de escravos.

[...] As luzes dos lampiões do Mercado davam uma sensação de faz de conta ao nosso mundo, que me dava vontade de sussurrar e andar nas pontas dos pés. Os odores de cebola, laranja e querosene tinham ficado se misturando a noite toda e só seriam perturbados quando a ripa de madeira fosse tirada da porta e o ar da manhã abrisse caminho até os grupos de pessoas que tinham caminhado quilômetros para chegar ao ponto de coleta. (2018, p. 21-2)

Tudo nesse trecho contribui para reproduzir uma atmosfera cheia de brumas. Isso acontece de várias maneiras, por relatar belamente uma cena ocorrida ainda antes de o sol nascer, mas também pela maneira como a narradora relata suas lembranças:

- O uso dos verbos no pretérito imperfeito (observava, sabia, davam...) nos passa a sensação de uma cena vista e vivida pelo menos algumas vezes, tanto que a narradora-protagonista já podia “adivinar” o que aconteceria.
- Também não há preocupação em determinar a época exata em que os fatos ocorrem. Apenas algumas informações (“os restos das fazendas de escravos”, “as luzes dos lampiões”) nos dão a perceber que se trata de um período em que não havia mais escravidão — embora ela não estivesse tão distante, pois ainda podem ser encontrados seus “restos” — e, ao mesmo tempo, um tempo em que não existia luz elétrica ou nem todos tinham acesso a ela. Em nenhum momento o narrador demonstra preocupação de nos informar *a data exata* em que os fatos ocorreram; pelo contrário: a informação de que “a cada ano” o campo em frente ao Mercado mudava de cor nos passa a impressão de que a mesma cena ocorreu durante pelo menos alguns anos e algumas diferentes estações do ano.

A análise das distinções entre memória e biografia pode dar origem a um trabalho individual de produção de textos, complementar ou paralelo às produções em grupos, indicadas nas “Propostas de atividades I” deste material. Além do pequeno trecho acima, é possível oferecer aos estudantes leituras de textos variados em primeira pessoa. Alguns títulos possíveis estão nas “Sugestões de referências complementares”. Você também pode procurar na biblioteca da escola outros livros. O importante é que o personagem-narrador, em todos os casos, seja uma pessoa real que tenha escrito sobre fatos que viveu no passado e que se identifiquem as características que tornam o texto diário, memória ou autobiografia.

Escrita de autobiografias

a) Você pode iniciar pedindo a cada estudante que responda a perguntas como estas:

- Qual é o meu nome?
- Qual é a origem do meu nome?
- Qual é a data de meu nascimento?
- Eu tenho irmãs ou irmãos? Quantos?
- Na ordem de nascimento, que lugar eu ocupo em minha família?
- De onde vêm meus pais ou meus avós?
- Onde passei a infância?
- Quantos anos meus pais estudaram?

Enfim, o ideal seria por volta de dez perguntas objetivas sobre a história de cada jovem. É importante que elas sejam adaptadas à realidade de sua escola e de pessoa, para não ferir suscetibilidades.

b) No dia combinado, todos trazem suas respostas, que seriam a base da escrita de suas próprias biografias.

Antes de começarem a escrever, seria interessante destacar tudo o que já observamos: o uso da primeira pessoa do discurso (isso parece fácil, mas não é tanto assim), dos verbos preferencialmente no pretérito perfeito, a clareza na sequência narrativa e outras questões importantes envolvidas na escrita dos textos autobiográficos.

Sugerimos então que façam uma primeira versão do texto, que será lida apenas por você. Se necessário, converse com cada estudante orientando-o sobre eventuais pontos obscuros ou usos inadequados de pronomes e verbos.

c) Após sua leitura e a conversa, indicamos que se peça que cada um reescreva seu texto, com as correções necessárias. E, dependendo da intimidade entre os jovens, os textos podem ser compartilhados entre todos.

O interessante de um trabalho como esse é que cada escritor da turma estabeleça um diálogo consigo mesmo, pois, como vimos, para criar a narrativa em primeira pessoa, na autobiografia ou no texto de memória, é preciso que o narrador-protagonista se afaste de si e trate de acontecimentos referentes à sua própria percepção sobre sua vida e o que se vincula a ela.

Mesmo que se pretenda uma relação pura em que o sujeito busque um diálogo consigo mesmo, é necessário que ele ocupe uma posição externa, terceira, na qual este pode contemplar a si mesmo. O caso é que, para ocupar essa posição externa, alheia, o sujeito terá de olhar para si com olhos alheios, o olhar do outro. O sujeito não olha para si com seu próprio olhar, ele é tomado pelas lentes do outro que fazem parte de sua constituição, ao passo que, no fim das contas, o sujeito que busca encontrar a si é um sujeito outro, *eua-ter* que se relaciona consigo mesmo. (SANTOS; TORGÀ, 2020, p. 136)

A escrita de textos verdadeiros, compartilhada de forma respeitosa é importante numa sociedade hipermidiática como a nossa, em que as pessoas utilizam textos como blogs, vlogs, video games e redes sociais — tornando, assim, a vida privada demasiadamente pública.

Esse uso faz com que o “pacto” descoberto por Lejeune perca sua força. Em meio a tantas “verdades” e notícias falsas circulando pela internet, como convencer o leitor de que a história contada é verdadeira e não uma invenção da mídia?

A experiência que Malala viveu lhe deu maturidade para ver-se como outra pessoa, a pessoa pública que se tornou, e para assumir a responsabilidade sobre isso. Um trabalho como esse pode ajudar os estudantes a fazerem um exercício de se olharem de fora, verem-se a si mesmos como cidadãos.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Para que os estudantes possam estabelecer mais relações com a leitura da obra, há diversas fontes complementares na internet que podem ser consultadas em qualquer momento da leitura.

O ideal, na escolha desses conteúdos, levando em consideração que a BNCC sugere incentivar o protagonismo dos estudantes, seria trabalhar para que eles próprios realizem a curadoria das notícias confiáveis (em geral, publicadas por órgãos de imprensa reconhecidos) e das que são mais adequadas para cada trabalho.

Indicamos a seguir algumas sugestões (acessadas em: 19 out. 2020).

SOBRE MALALA

- Malala já tem seu espaço próprio na Wikipédia:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Malala_Yousafzai#cite_note-12
- Artigo do jornal *El País* sobre a volta da família ao Paquistão:
https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/31/internacional/1522494900_067292.html
- Matéria do *Jornal Nacional*, da Rede Globo, sobre a formatura de Malala em Oxford:
<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/19/inicio-de-um-sonho-deu-tudo-certo-malala-se-forma-em-oxford.ghtml>
- Entrevista com Malala: está em inglês, mas legendada em português:
<https://news.un.org/pt/story/2017/10/1596471-video-malala-yousafzai-fala-onu-news-sobre-educacao-e-sonhos>
- Filme *He Named Me Malala* (EUA, 2015, 88 min., 10 anos), direção de Davis Guggenheim: disponível para alugar em plataformas como Apple TV, Google Play, Microsoft.
- Também é possível encontrar muitos textos e vídeos sobre o atentado sofrido por Malala.

CONTEÚDOS PARA O TRABALHO COM LÍNGUA INGLESA

Há na internet vários materiais que podem ser usados nas aulas, de acordo com o nível de proficiência da turma.

- Documentário feito pelo *New York Times*, em que Malala aparece aos onze anos, ainda como uma menina tímida:
<https://www.youtube.com/watch?v=inI7Bpmtv5s>
- Conferência de Malala na entrega do prêmio Nobel da paz, em 2014:
<https://www.youtube.com/watch?v=c2DHzIkUI6s>. No blog da Companhia há o discurso completo em português:
<http://historico.blogdacompanhia.com.br/2014/12/disco...-yousafzai-no-premio-nobel-da-paz>
- Programa de TV em que a jornalista da CNN Christiane Amanpour entrevista Malala e o pai, Ziauddin Yousafzai:
https://www.youtube.com/watch?v=aKIQ_AyLi30
- Discurso de Malala no Nobel Peace Prize Concert (transcrição em inglês disponível):
<https://www.youtube.com/watch?v=qu3aQMxkrc4&t=48s>
- Entrevista completa com a apresentadora de TV Oprah Winfrey (transcrição em inglês disponível):
<https://www.youtube.com/watch?v=vjTpAWADiw4>
- O discurso que Malala fez na ONU (transcrição em inglês disponível):
<https://youtu.be/3rNhZu3tIU>

SOBRE O TALIBÃ

Há bastante material sobre o assunto, que pode fornecer conteúdo para as produções finais dos jovens. Mas, conforme já indicamos, recomendamos que, com a ajuda do professor, eles façam uma curadoria do que será utilizado.

- Artigo sobre a rádio que ele criou, mostrando o poder que a rádio teve na difusão do domínio talibã:
<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/asia/mullah-radio-conheca-o-lider-taliba-no-paquistao,d1e2acb69ad5a410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>
- Sobre a destruição dos Budas Gigantes, duas notícias nos permitem entender melhor a dimensão do vandalismo talibã:
https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150312_budas_taleba_pai e <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1303200105.htm>

SOBRE O ONZE DE SETEMBRO

- Vídeos sobre o ataque de Onze de Setembro de 2001, como:
https://www.youtube.com/watch?v=_t3k2WILg0g e
<https://www.youtube.com/watch?v=BRdmNPZxwHo>

NARRATIVAS EM PRIMEIRA PESSOA

ANGELOU, Maya. *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. São Paulo: Astral Cultural, 2018. (memória)

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. (memória)

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Record, 1995. (diário)

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014. (diário)

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2020. (memória)

LEITURAS COMPLEMENTARES

Ms. Marvel: Kamala Khan. São Paulo: Panini.

Uma adolescente paquistanesa que deseja mudar o mundo, assim como Malala. Essa é Kamala Kahn, a Ms. Marvel. No Brasil, há alguns volumes de romances gráficos dessa heroína muçulmana da Marvel inspirada em Malala.

O segredo do meu turbante, de Nadia Ghulam e Agnès Rotger. São Paulo: Globo Livros, 2020.

A história real de Nadia, uma menina afegã que precisa assumir a identidade do irmão para sobreviver depois que sua casa foi destruída por uma bomba, quando tinha apenas oito anos. Todos os homens da casa morrem no episódio e Nadia, sabendo que alguém precisa sustentar a família, finge ser homem para enganar o Talibã e poder trabalhar.

O caçador de pipas, de Khaled Hosseini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

O romance narra a história da amizade entre Amir e Hassan, dois meninos que vivem no Afeganistão da década de 1970. Durante um campeonato de pipas, Amir perde a chance de defender Hassan, num episódio que marca a vida dos dois amigos para sempre. Vinte anos mais tarde,

quando Amir está estabelecido nos Estados Unidos, após ter abandonado um Afeganistão tomado pelos soviéticos, ele retorna a seu país de origem e é obrigado a acertar as contas com o passado. Foi transformado em filme pelo diretor Marc Forster (EUA, 2007, 128 min., 12 anos).

Persépolis completo, de Marjane Satrapi. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2007.

Autobiografia em quadrinhos de Marjane Satrapi, uma jovem que, nascida numa família moderna e politizada, assistiu em 1979 ao início da revolução que lançou o Irã nas trevas do regime xiita. Marjane tinha apenas dez anos quando se viu obrigada a usar o véu islâmico e frequentar uma sala de aula só de meninas. Vinte e cinco anos depois, adulta, a autora relata suas lembranças. Há uma animação, lançada em 2008, dirigida pela autora e por Vincent Paronnaud (França, 2007, 95 min., 12 anos).

O conto da aia, de Margaret Mead. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

Um romance distópico, isto é, situado num futuro nada auspicioso, que relata sobre um mundo em que a intolerância religiosa triunfou, enchendo a vida das pessoas de proibições. O moralismo eliminou as relações amorosas e o sexo só existe para procriação, transformando as mulheres jovens apenas em reprodutoras.

Mais de uma luz: Fanatismo, fé e convivência no século XXI, de Amós Oz. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

O livro reúne três artigos do premiado escritor israelense. O primeiro deles, “Caro fanático”, é uma versão revista e atualizada de um ensaio conhecido de Amós Oz “Como curar um fanático”, traduzido para cerca de vinte línguas. Trata-se de uma reflexão importante sobre o fanatismo religioso, numa perspectiva sociopolítica e também filosófica. Ainda que partindo de um contexto diferente do que é narrado em *Eu sou Malala*, as reflexões em torno do modo de pensar e agir dos chamados “fanáticos” podem estabelecer um diálogo elucidativo com a abordagem desse aspecto na obra.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

Convencida de que os livros são os melhores colaboradores dos professores para a formação do leitor, a professora e pesquisadora espanhola oferece uma contribuição valiosa tanto para ampliar as referências sobre a relação entre escola, leitores e livros, como para debater sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura. Nesta obra, Colomer analisa as mudanças ocorridas contemporaneamente na concepção do ensino de literatura e na presença do texto literário na escola. E, na segunda parte, em que se contempla “a leitura em funcionamento”, desenvolve sugestões de como construir percursos leitores no ambiente escolar. Por articular aporte teórico rigoroso e um olhar atento para as práticas escolares, a obra se configura como uma importante referência para profissionais que trabalham com a promoção da leitura.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

Coletânea de ensaios que cobre mais de trinta anos de reflexão, pesquisa e defesa da autobiografia como gênero literário, mas que também chama a atenção dos interessados por autobiografias, diários, correspondência e blogs. Lejeune foi o criador da ideia do “pacto autobiográfico”, em que o autor se compromete com seu leitor, desde o início da narrativa, a apenas dizer a verdade.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Obra clássica da educadora argentina, apresenta ideias de como transformar a escola em uma comunidade de leitores — pessoas que busquem nos textos as respostas para suas várias necessidades e indagações — e de escritores — pessoas que estejam preparadas para criar textos e expressar suas mais variadas necessidades. Todo o trabalho de Lerner tem o objetivo de preservar na escola o sentido que a leitura e a escrita têm como práticas sociais, tendo claro que, mesmo sendo difícil realizar tal façanha, para chegar ao que é possível é preciso enunciar e analisar as dificuldades.

MONTES, Graciela. *Procurar indícios, construir sentidos*. São Paulo: Selo Emília/ Solisluna Editora, 2020.

Seleção de palestras proferidas pela escritora e pesquisadora argentina sobre as funções da leitura na sociedade atual. Erudita e lúcida, Graciela Montes nos arrasta para a leitura levados pela riqueza de imagens com que ela nos apresenta suas ideias. São ensaios que giram em torno de temas como a perplexidade, o estranhamento, que nos propõe olhar para os textos como se fôssemos “um estrangeiro, como um recém-chegado, para se distanciar daquilo que está estabelecido”. Os artigos foram organizados de tal maneira que esses assuntos podem ser observados em cada ensaio sob um diferente ponto de vista.

SANTOS, Yuri Andrei Batista; TORGÀ, Vânia Lúcia Menezes. “Autobiografia e (res)significação”. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 119-44, abr.-jun. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457342467>. Acesso em: 19 out. 2020.

Dois estudiosos da área de literatura se propõem a discutir o movimento de autorreferência que caracteriza os textos em primeira pessoa, inclusive a autobiografia, do ponto de vista da teoria dos gêneros do discurso, de Mikhail Bakhtin. Isso os leva a questionar alguns pontos do conceito de “pacto autobiográfico”, de Philippe Lejeune.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Editora Penso, 1998.

A pesquisadora espanhola aborda diferentes maneiras de trabalhar com o ensino da leitura na escola. Solé propõe aos professores estratégias que permitam aos estudantes interpretar e compreender de forma cada vez mais autônoma os livros, sejam eles de ficção ou informativos, desde o início da aprendizagem da leitura. De forma clara e didática, propõe estratégias para serem usadas antes, durante e depois da leitura.

OBRAS CITADAS

BRÄKLING, Kátia Lomba. “Leitura colaborativa”. In: *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-colaborativa>. Acesso em: 26 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Conselho Nacional de Desenvolvimento da Educação (Undime), 2018.